



RAQUEL APARECIDA SILVA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, EDUCAÇÃO
AMBIENTAL E ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL**

LAVRAS- MG

2022

RAQUEL APARECIDA SILVA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciada.

Profa. Dra. Jacqueline Magalhães Alves

Orientadora

LAVRAS-MG

2022

RAQUEL APARECIDA SILVA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 27 de abril de 2022.

Carolina Faria Alvarenga

DED UFLA

Vanderleia das Dores Silva Liberato

SME, Nepomuceno, MG

Jacqueline Magalhães Alves

Orientadora

Lavras- MG

2022

Este trabalho é dedicado à minha mãe e ao meu pai, pois, graças a seus ensinamentos, hoje posso concluir o meu curso. Da mesma forma, dedico a todo o corpo docente e discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras, lisonjeada por dele ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todos os membros do Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras, por todo o apoio durante a minha formação. Agradeço à minha orientadora, professora Jacqueline Magalhães Alves, por aceitar me acompanhar neste projeto. O seu empenho foi essencial para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do percurso e aos docentes que me forneceram todas as bases necessárias para a realização deste trabalho, agradeço com profunda admiração pelo vosso profissionalismo.

O amor é o eterno fundamento da educação.

Johann Heinrich Pestalozzi

RESUMO

A Educação Ambiental -EA - se faz essencial para a formação das/os estudantes, dado que, por meio desta, se estabelece uma sensibilização sobre o meio ambiente e uma apropriação de conhecimentos nesse campo que tem o potencial de promover uma responsabilidade ambiental com o planeta. Dessa forma, proporcionar o ensino da EA no contexto escolar é de extrema relevância, como componente curricular – entendendo componente curricular de diversas formas que não apenas em disciplinas. Por meio deste trabalho realizamos uma revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos, e analisamos como as diversas formas da linguagem das artes pode fomentar o ensino e a educação ambiental. Por meio de um estudo de revisão de trabalhos acadêmicos, onde foram utilizados sítios eletrônicos de busca, juntamente com palavras chaves, apoiados em fundamentos teóricos, foi possível analisar como a linguagem das artes está inserida dentro de temáticas da EA. Conclui-se então que as escolas devem desenvolver essa temática em todos os níveis de ensino, fazendo-se essencial em cursos de formação de professoras e professores, do mesmo modo, nos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino. Contudo, ainda é necessário explorar e variar as metodologias nesse campo de aprendizagem e os estudos acerca destas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Criatividade; Formação Docente Continuada.

ABSTRACT

Environmental Education -EE - is essential for the training of students, since, through this, an awareness of the environment is established and an appropriation of knowledge in this field that has the potential to promote environmental responsibility with the planet. In this way, providing the teaching of EE in the school context is of extreme relevance, as a curricular component - understanding curricular component in different ways that not only in disciplines Through this work we carried out a bibliographic review of academic works, and analyzed how the different forms of language of the arts can promote teaching and environmental education. Through a review study of academic works, where electronic search sites were used, along with keywords, supported by theoretical foundations, it was possible to analyze how the language of the arts is inserted within the themes of EE. It is concluded that schools should develop this theme at all levels of education, making it essential in teacher training courses, as well as in the political-pedagogical projects of educational institutions. However, it is still necessary to explore and vary the methodologies in this field of learning and the studies about them.

Keywords: Environmental Education; Creativity; Continuing Teacher Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Contexto histórico da Educação Ambiental	11
2.2 Educação Ambiental nas Escolas	13
2.3 Educação Ambiental como Mediadora de Práticas Pedagógicas Significativas	14
2.4 Formação Docente Inicial e Continuada	15
2.5 Desafios Encontrados na Docência	16
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24
ANEXO – Artigos selecionados para a pesquisa.....	26

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Raquel Aparecida Silva Costa, nasci em 26 de dezembro de 1995, sou a terceira filha de Sonia Fátima e Carlos Tadeu, venho de uma família simples, sendo a primeira da família a entrar em uma Universidade Pública. Cresci na cidade de Lavras, Minas Gerais e sempre estudei em colégios públicos. Foi daí que partiu meu interesse em me tornar professora e fazer a diferença nas redes públicas e privadas por meio dos estudos com embasamentos teóricos.

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se deu por meio da percepção de como é essencial o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas, para que as crianças possam ter uma visão mais ampla do mundo em que vivem e que possam ter acesso a uma vida plena e saudável, criando vínculos com a natureza e com todas as formas de vida. Além de ser um processo educacional de questões ambientais, a Educação Ambiental (EA) também aborda os problemas que são inter-relacionados como os socioeconômicos, políticos, culturais e históricos.

Desta forma, a abordagem da EA nas escolas perpassa várias temáticas por possuir um viés interdisciplinar, contribuindo assim, na formação da cidadania, fomentando o crescimento de todas e todos. Diante do exposto, a EA se faz essencial para com a formação das estudantes e dos estudantes, dado que, por meio desta, se estabelece uma sensibilização sobre o meio ambiente e uma apropriação de conhecimentos nesse campo que tem o potencial de promover uma responsabilidade ambiental com o planeta.

Logo, o tema deu ênfase à importância de se trabalhar a EA dentro de um ambiente de educação sistematizado. Nesse sentido, a problemática do estudo deteve-se nas seguintes questões: Como a linguagem das artes está presente ou não no processo de ensino e aprendizagem, bem como, como ela pode ser desenvolvida pelas educadoras e pelos educadores como uma prática transformadora que visa a compreensão das e dos estudantes em relação ao meio ambiente.

Nesse contexto, por meio desta pesquisa, analisamos como o ensino da arte pode ser grande aliado para o empenho dessas práticas e motivar educadoras e educadores acerca do quão é fundamental a inserção desse tema no ambiente escolar. Considera-se que a educação ambiental é um processo de aprendizagem permanente baseado no respeito a todas as formas de vida, vinculada à formação da cidadania e à reformulação

de valores éticos e morais que contribuem para a transformação humana e social, como também para a preservação/conservação ambiental.

Nesta pesquisa foi delimitado explorar os estudos sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental e analisar se a linguagem de Artes está presente nesse processo, a fim de investigar como as e os docentes desenvolvem a prática deste tema em sala de aula. Para isso, foi elaborado um levantamento de trabalhos acadêmicos com o objetivo de buscar como a arte está aliada à Educação Ambiental. Os recursos e estratégias utilizados para a seleção dos trabalhos a serem analisados partiram de alguns itens, sendo eles, a fonte de busca por meio do Google Acadêmico, os descritores relacionados à “Educação Ambiental”, “Educação Ambiental e Arte” e “Arte” e a data de publicação entre 2016 a 2021 nos sítios de pesquisa.

Com base nessas questões suleadoras¹, o levantamento acadêmico foi realizado a fim de avaliar o que está sendo desenvolvido sobre práticas didático-pedagógicas nessa área de conhecimento, a partir da metodologias da linguagem da Arte, com a intenção de esclarecer diretrizes para pesquisas e reflexões teórico-metodológicas, apontando para um panorama acerca das questões que exigem atenção.

A luz desta pesquisa, os objetivos foram analisar os materiais teóricos levantados sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental, se a linguagem das artes se encontra presente nesse processo e como está sendo desenvolvida por educadoras e educadores no ambiente escolar. Além disso, tivemos por objetivos identificar fatores que contribuem para a efetivação da educação ambiental nas escolas, levantar e discutir os reais problemas que as e os docentes enfrentam para desenvolver o tema Meio Ambiente nas escolas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contexto histórico da Educação Ambiental

Não se pode iniciar o tema EA sem se falar em Meio Ambiente, sendo que esse tema vem sendo discutido durante toda a história da humanidade. Muitas cidades

¹ sulear é um verbete revelador das peculiaridades do pensamento freireano. Com o emprego do termo sulear, Paulo Freire chama a atenção para o caráter ideológico do termo nortear. Sulear expressa a intenção de dar visibilidade à ótica do sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o norte é apresentado como referência universal. Sulear significa construir paradigmas alternativos em que o sul se coloca no centro da “reinvenção da emancipação social” (Adams, 2008, p.397). Sulear pensamentos e práticas é uma perspectiva que se anuncia no pensamento freireano para fortalecer a construção de práticas educativas emancipatórias (Revista Lusófona de Educação, 24, 2013, p. 203-206).

sumérias foram alagadas causando a infertilidade do solo, acarretando em seu abandono. Já em meio a Revolução Industrial e com o grande crescimento das cidades, o ar começou a ficar poluído causando danos permanentes para o meio ambiente. Com isso, provocando sérios problemas devido a forma de produção humana e como se relacionavam com os recursos naturais. De acordo com Lúcia Marina A. de Almeida e Tércio B. Rigolin (2003), a harmonia que existe entre seres humanos e natureza é denominada como equilíbrio ecológico e, ao quebrar esse vínculo, se provoca o chamado impacto ambiental.

Ainda neste cenário da Revolução Industrial no século XVIII, os trabalhos que antes eram manuais foram substituídos por máquinas em grandes fábricas, com o objetivo de agilizar a produção e aumentar o lucro. Até o final do século, a maioria das pessoas habitavam no campo e produziam seu próprio alimento, sendo que o trabalho artesanal ainda era valorizado. Embora o trabalho manual fosse predominante na época, em alguns países como França e Inglaterra, já possuíam manufaturas, que eram oferecidas para artesãos por meio de oficinas. Maria de Fátima Portilho (1999, p. 141) afirma que o consumo passa a funcionar “como um miraculoso dispositivo de objetos e sinais para atrair a felicidade, referência absoluta que equivale, talvez, à própria salvação”.

Devido a maior produção e ganhos dos empresários, conseqüentemente, aconteceram mudanças na relação do ser humano com o meio ambiente, desgastando o solo, a fauna e a flora. Desse modo, a migração das pessoas do campo para cidade cresceu, resultando no aumento da população e na falta de infraestrutura para esses habitantes, principalmente em condições higiênicas, o que ocasionou problemas de poluição do ar e da água, acarretando graves riscos de saúde à população. Entretanto, não somente o meio ambiente estava sendo prejudicado, mas também a população que foi tomada pelas conseqüências de suas próprias atitudes. Isso porque, segundo Valter Casseti, “o homem não é apenas um habitante da natureza; ele se apropria e transforma as riquezas da natureza em meios de civilização histórica para a sociedade” (CASSETI, 1995, p. 123).

Contudo a Revolução Industrial causou grandes danos ao meio ambiente, os elevados índices de consumo e produção estimularam o crescimento da população, devido ao fato da aceleração do crescimento urbano, acarretando o surgimento de uma crise ambiental de âmbito global. Segundo Almeida e Rigolin (2003), com a revolução tecnológica após a industrial, o ser humano não é mais servil ao meio natural, pelo contrário, exerce sobre ele o domínio e exploração para a produção do seu próprio bem estar.

Desse modo, surgiram alguns movimentos ambientalistas, que tinham como objetivo analisar as questões relacionadas aos impactos ocasionados pela guerra e por outros motivos. Esses grupos contribuíram e abriram discussões e reflexões sobre questões ambientais. Sendo assim, eles foram de extrema relevância pois, mediante a eles, foram surgindo durante os anos alguns grupos que possuem a mesma finalidade e objetivos.

2.2 Educação Ambiental nas Escolas

A educação ambiental no Brasil foi contemplada por meio da Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Na ocasião, ficou instituída a Política Nacional de Educação Ambiental. De acordo com o artigo 1º da lei,

Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, p. 1).

Segundo a Constituição Federal, nº225, inciso VI, para se efetivar o direito de todas as pessoas ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, é incumbência do poder público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Além disso, em 1999, na lei de Educação Ambiental, nº 9.795, foram determinados os princípios da EA, como vem descrito no artigo 4, bem como os objetivos fundamentais da EA, especificados no artigo 5. Em suma, percebe-se que a lei aborda, no conceito de EA, a ideia de sustentabilidade, que se baseia no uso sustentável dos recursos naturais. Dessa forma, conforme a lei, educadoras e educadores devem trabalhar juntamente com as gerações mais novas, contribuindo com a formação de cidadãs e cidadãos conscientes.

Com essa regulamentação, houve um avanço acerca das reflexões dos indivíduos ao que tange a EA, visto que, permite uma sensibilização e formação da consciência social e ambiental mediada pela escola. O espaço da escola, nesse caso, torna-se um lugar privilegiado no estabelecimento de conteúdos perpassados por contextos sociais.

Ao realizar a conexão entre a Educação Ambiental e a escola, os pensamentos críticos e as posturas sustentáveis, diante dos problemas ambientais existentes, são melhores construídos. Além disso, a EA possibilita o envolvimento não só de alunas e

alunos, mas também de mães, pais e de toda a comunidade escolar. Márcia Tallia de Lima Santiago e colaboradores propõem que a EA nas escolas seja direcionada “para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais” (SANTIAGO et al., 2021, p. 79).

Dessa forma, o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas reflete de maneira positiva e importante na sociedade, visto que o ser humano se relaciona com o meio em que vive de maneira mais correta e consciente. Ao entrar em contato com os conceitos teóricos e práticas da EA, educandas e educandos podem desenvolver um pensamento e uma postura sustentáveis em todas as esferas às quais pertencem e frequentam.

2.3 Educação Ambiental como Mediadora de Práticas Pedagógicas Significativas

A Educação Ambiental exige uma postura avançada por parte de professoras e professores no que diz respeito ao abandono de uma abordagem tradicional do processo de ensino-aprendizagem, que preza uma sala de aula em uma relação professor-aluno verticalizada. Assim, frisando uma nova perspectiva educacional, a utilização de práticas pedagógicas nas aulas, com concentração para a Educação Ambiental, favorece uma aprendizagem significativa que sucede quando, como nos escreve Eduardo F. Barbosa e Dácio G. de Moura:

O aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA e MOURA, 2013, p.55).

De acordo com Eunice Kindel (2012), as práticas pedagógicas realizadas por professoras e professores em sala de aula devem fazer com que alunas e alunos se posicionem de forma crítica perante os problemas ambientais que são trabalhados pelo/a professor/a durante a realização das atividades.

Em suma, toda comunidade escolar devem ser capacitadas e capacitados para desenvolver atividades com a Educação ambiental em âmbito escolar, elaborando e/ou utilizando das práticas pedagógicas existentes, proporcionando a reflexão das crianças, e

contribuindo no desenvolvimento de novas competências, mudanças de comportamento e opiniões acerca do que é certo ou errado em relação às práticas ambientais, contribuindo com projetos que beneficiem a comunidade e o meio ambiente em geral.

Contudo, diversas são as formas de expressar a arte, pois elas sofrem influências da época e dos estilos em que são produzidas. Todavia, o objeto artístico não se restringe somente a estilo de época. De acordo com Dulce Helena Pontes-Ribeiro (2020):

A função da arte é representar a realidade de um modo fluido, peculiar, numa interpretação de mundo do artista e do contemplador da obra. E assim torna complexo atribuir de modo claro a definição de arte, uma vez que as expressões artísticas não se encaixam num padrão; são, muitas vezes, contrastantes, o que leva certos apreciadores a, diante delas, dizerem não se tratar de arte (RIBEIRO 2020. p. 29).

Frente a isso, a arte e suas linguagens são capazes de transformarem e seguem se transformando no decorrer do tempo, visto que as tecnologias estão cada vez mais evoluindo ferramentas que antes não tinham tanta relevância, mas que hoje são complementadas pelas tecnologias avançadas e são capazes de se aliarem à educação.

Para Fisher (1987), o artista tem o papel de ser o “porta voz da sociedade”, na qual exerce o papel de expor à sociedade os significados dos acontecimentos, demonstrando os acontecimentos fundamentais a partir das relações entre seres humanos e natureza e seres humanos e sociedade, ressaltando que a arte, como uma manifestação individual, não deixa de também ser coletiva, pois ocorre um diálogo com o meio em que está inserida, trazendo o verdadeiro sentido da representação da arte de maneira social.

2.4 Formação Docente Inicial e Continuada

A formação inicial pode ser compreendida como um processo de ensino formal que acontece no nível da graduação que tem o objetivo de preparar futuras e futuros profissionais para atuarem na área de trabalho pretendida. Contudo, sabemos que os conhecimentos adquiridos devem ser estendidos para o ambiente de trabalho, com isso é essencial o papel da formação continuada, visto a crescente e rápida produção de conhecimentos nas diferentes áreas na qual demandam a constante necessidade da formação para os profissionais atuantes. Além do mais, destacamos que a formação de professoras e professores não deve somente ficar na formação inicial, devendo então se estender ao longo de toda a carreira profissional, atendendo às práticas pedagógicas

cotidianas, de maneira sistemática e coerente, acolhendo as necessidades individuais e coletivas dos sistema educativo, analisando os resultados e estimulando mudanças sociais do sistema.

Para que ocorra essa formação, são desencadeados investimentos em diversos setores do governo e estado que oferecem esse tipo de formação, que são recomendados pelas legislações atuais, políticas públicas e pesquisadores da área da educação que veem a necessidade de processo nas instâncias de ensino. Contudo, a formação continuada em contexto, é de extrema relevância. No entanto, ela deve ocorrer também em outros espaços, o chão das escolas, é um dos espaços.

Indo ao encontro do parágrafo anterior, Eduardo Terrazzan e Maria Eliza Gama (2007) acreditam que o espaço escolar é definido como democrático e produtor de conhecimentos diversos dando destaque às práticas. Configura-se no espaço ideal para que professoras e professores reflitam, de maneira individual e coletivamente, sobre suas práticas pedagógicas e seus desafios e possibilidades, buscando sempre superar as necessidades identificadas. Os autores ressaltam ainda, que esse processo não deve acontecer de forma individual, mas contemplar os grupos que compõem esses espaços de formação. Maria Lourdes Montero (1987) define necessidades formativas como sendo “aqueles desejos, carências e deficiências percebidos pelos professores no desenvolvimento do ensino” (MONTERO, 1987, p. 198).

Nessa direção, analisar as necessidades da formação docente continuada é uma tarefa indispensável, pois ao analisando e repensando as práticas docentes e buscando por mudanças aumentam as chances de bons resultados. Assim, desmitificando, a ideia de um modelo correto de ensino, partindo do pressuposto do planejamento, da escolha do estudo e dos objetivos buscando utilizar materiais disponíveis e recursos que atendem à demanda da necessidade. Em síntese, algo que não deve ser banalizado é a maneira que os profissionais engessam metodologias em suas práticas pedagógicas e não atribuem valor às propostas de formação continuada que preparam para atividades educativas dentro e fora de sala de aula.

2.5 Desafios Encontrados na Docência

Pode-se dizer que a educação ambiental é primordial para o processo de ensino e aprendizagem, pois visa garantir a conscientização e proporciona a aproximação do

estudante com a natureza, fazendo com que percebam que também fazem parte do meio ambiente e que cabe a nós protegê-lo. Assim sendo, a escola deve garantir este modo de ensino, porém vale destacar a importância da formação docente para que este método de aquisição resulte em efeitos significativos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)², a Educação Ambiental está inserida dentro do tema meio ambiente de forma interdisciplinar e o modo como deve ser ministrada é por meio da transversalidade. Vale ressaltar que estudos relacionados ao tema Meio Ambiente remetem à necessidade de se analisar os conhecimentos relativos a diversas áreas do saber, chamados transversais, como por exemplo saúde, ética, pluralidade cultural, gênero e sexualidade, trabalho e consumo (BRASIL, 1998).

Além disso, para desenvolver a temática, diversas metodologias vêm sendo empregadas por docentes nas escolas. Entretanto, estas metodologias aliadas em práticas pedagógicas para o estudo da EA no ensino formal têm enfrentado inúmeros desafios, como: falta de teoria a associação a prática. Para melhor destacá-los, Isabel Cristina de Moura Carvalho (2005, p. 59) aponta a seguinte indagação: “Afiml, como ocupar um lugar na estrutura escolar desde essa espécie de não-lugar que é a transversalidade?” Para esta autora, ao se designar a Educação Ambiental como tema transversal, ela pode estar inserida no conteúdo das práticas pedagógicas ambientais constantes, como também não pertencer ou não ser abordada em nenhuma temática ambiental dentro da estrutura curricular.

Em síntese, segundo Dalva Maria Bianchini Bonotto, pode-se observar que muitas são as dificuldades enfrentadas por professoras e professores para colocar em prática uma educação tão abrangente como é a Educação Ambiental. Assim, é importante analisar os desafios encontrados no estudo da Educação Ambiental com práticas pedagógicas nas escolas.

Para tanto, a EA exige das e dos docentes que abandonem o ensino tradicional, no que diz respeito à abordagem de conteúdos direcionados somente para o ambiente interno da instituição escolar. Em contraposição, Marcos Reigota (2009) diz que a escola deve

² Atualmente a Base Comum Curricular (BNCC) é um documento de governo, estabelecida de maneira obrigatória por lei que todas as instituições de ensino a devem seguir para orientar o processo educacional. Pela BNCC as organizações de ensino voltam a se organizar pelos anos de ensino, diferente dos PCN, no qual se propunha a organização por ciclos. No que tange ao estabelecimento do ensino, na Base são propostas unidades temáticas, objetos de conhecimentos e competências/ habilidades.

desenvolver metodologias que permitam a alunas e alunos questionarem dados e ideias sobre um tema, propor soluções e apresentá-los.

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) amparada pela lei citada, no seu capítulo II, artigo oitavo, no 3º parágrafo, aborda as questões de metodologia em práticas pedagógicas ambientais quando informa que as ações de estudos, pesquisas e experimentações devem voltar-se para:

II – O desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à participação dos interessados na formulação e execução de pesquisas relacionadas à problemática ambiental.

IV – A busca de alternativas curriculares e metodológicas de capacitação na área ambiental (BRASIL, 1999, p. 3).

Diante dessas circunstâncias, professoras e professores, ao abordarem a temática a respeito da Educação Ambiental, abrem a possibilidade para que alunas e alunos se posicionem de forma crítica perante os problemas ambientais que são trabalhados pelo/a docente durante a realização das atividades. Além disso, promover atividades lúdicas pode estimular a criatividade e favorecer o aprendizado nas práticas ambientais. Por conseguinte, professoras e professores devem ser incentivadas e incentivados com formação continuada para o desenvolvimento profissional em diferentes áreas, para que os processos e metodologias sejam contínuos e que visem a interdisciplinaridade e a transversalidade como uma alternativa benéfica para a construção do conhecimento na área ambiental.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Segundo Graham Gibbs (2009), a pesquisa qualitativa “visa abordar o mundo “lá fora” e (não) contextos especializados de pesquisa, como laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras”. Na pesquisa qualitativa, a fonte de dados se origina do ambiente natural, no qual o investigador ou a investigadora se constitui como instrumento principal de observação.

De acordo com Robert Bogdan e Sari Biklen (1994), a abordagem da investigação qualitativa exige que pesquisas podem ser examinados com a ideia de que nada é banal, que tudo tem aptidão para construir um indicio que nos provoque estabelecer um entendimento mais esclarecedor do nosso objeto de estudo. Quanto ao trabalho de uma

investigação qualitativa, apontam que, seria “aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Dessa maneira, este trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica em que analisamos, como um aprendizado e breve ensaio, o Estado da Arte sobre pesquisas que tratam da relação das linguagens da Arte e Educação Ambiental, com a perspectiva qualitativa. Para isso, os artigos foram selecionados e analisados inicialmente e a partir de uma leitura mais profunda, ampliamos as impressões iniciais acerca de se o material analisado atendia a nossos objetivos. Em seguida, foram destacados e classificados os trabalhos de acordo com os tópicos seguidos pela metodologia da linguagem da arte para analisarmos estudos sobre Arte e EA.

Para a realização desta pesquisa, foi elaborado um levantamento de trabalhos acadêmicos e diante dos objetivos em buscar como a Arte está aliada à Educação Ambiental, para isso foi desenvolvida a seguinte questão: Como a EA e a Arte estão inseridas nos ambientes escolares? Na busca de materiais de fundamentação, os recursos e estratégias para a seleção se apoiaram na base dos seguintes itens: I) Fonte e busca por meio do Google Acadêmico; II) Descritores: “Educação Ambiental”, “Educação Ambiental e Arte”, “Arte”; III) Data de publicação entre 2016 a 2021 no sítio eletrônico de pesquisa.

A partir dos critérios de seleção, iniciamos a busca dos materiais. Assim, foram encontrados:

- nove (9) trabalhos no Google Acadêmico se referindo a artigos, trabalhos acadêmicos e teses.

Posteriormente, por meio dos títulos, os materiais foram selecionados, onde os resumos foram analisados, incluindo artigos e teses que abordassem sobre a EA e a Arte. A vista disso, os critérios de exclusão adotados foram eliminar trabalhos que se repetiam ou que não se enquadravam com o assunto e descartá-los, uma vez que os dados são modificados no decorrer dos anos, logo foram selecionados cinco (5) trabalhos que se relacionavam aos objetivos.

Ao final, afinando uma revisão mais minuciosa, com base nos documentos analisados, cinco (5) documentos foram selecionados para compor, como forma de amostra para a pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Baseando-nos nos procedimentos metodológicos deste trabalho, foram elencados cinco (5) trabalhos relacionados à Educação Ambiental e as Artes. Desse modo, na tabela a seguir estão dispostas as principais características de cada trabalho e em seguida, a discussão acerca dos principais conceitos trazidos por autoras e autores.

Tabela 1 – Relação e caracterização dos artigos encontrados e selecionados

Título	Autoria	Ano	Síntese/Objetivos
Arte e educação ambiental como possibilidades de desenvolvimento da consciência crítica	Roberlilson Paulino Silva e Maria Socorro Silva Batista	2016	Discute a relação entre arte e educação ambiental enquanto estratégia de formação da consciência crítica no ensino fundamental.
O Estado da Arte das Práticas Didático-Pedagógicas em Educação Ambiental (Período De 2010 a 2017) Na Revista Brasileira de Educação Ambiental	Gabrielle Silva Rodrigues; Benjamin Carvalho Teixeira Pinto; Lana Claudia de Souza Fonseca; Cristiana do Couto Miranda	2019	Uma pesquisa do estado da arte, expõe um panorama das práticas didático-pedagógicas em Educação Ambiental nas publicações da Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), no período de 2010 a 2017.
Educação Ambiental crítica e arte participativa: a construção de reflexão e ação em uma escola da Baixada Fluminense	Luciana Simões Rodrigues Nunes; Alexandre Maia do Bomfim; Giselle Roças de Souza Fonseca	2018	Apresenta uma reflexão sobre as contribuições que a Educação Ambiental Crítica associada à arte participativa pode trazer para a formação específica de estudantes, no que se refere à temática ambiental.
Educação ambiental em curso formativo: uma proposta para a formação de jovens do ensino médio por meio das artes	Thiago Ezídio de Oliveira et al.	2021	Desenvolveram e analisaram ações que mitigassem os problemas ambientais. Para o alcance deste objetivo foram utilizadas práticas artísticas e ambientais visando o ensino de Educação Ambiental aos jovens do ensino médio.
A Dimensão artística como proposta para uma intervenção didática sobre pensar a Educação Ambiental em tempos de pandemia	Amanda Jardim	2021	Analisa a potencialidade do uso da dimensão artística para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental focada em trabalhar o entendimento e enriquecimento da concepção de natureza com estudantes do 7º ano de uma escola pública, situada no município de São Carlos-SP.

Fonte: autora (2021).

Com base nas análises dos artigos selecionados, foi notado que a educação ambiental está inserida em diversos campos, além disso como a Arte pode ser potencializadora para as práticas realizadas. Como trazem Roberlilson Silva e Maria Socorro Batista (2016) em sua pesquisa, onde analisam como a arte pode incrementar a conscientização ambiental, pode-se concluir que a arte e EA são ferramentas essenciais para o desenvolvimento de uma educação, acerca da reflexão crítica. Por fim, concluem que é necessário a melhor correlação entre essas áreas, de modo a se aprofundar conhecimentos teóricos e vincular-se a práticas. Para tanto, faz-se primordial incluir essa temática em todos os níveis de ensino, principalmente em curso de formação continuada, bem como nos projetos político-pedagógicos das escolas.

Em outro trabalho analisado, Luciana Simões Rodrigues Nunes, Alexandre Maia do Bomfim e Giselle Roças de Souza Fonseca (2018) analisam como a EA e a Arte se alicerçam às questões socioambientais por meio da sensibilidade e criticidade. Acerca dessa investigação, que seguiram de uma pesquisa ativa com uma turma do ensino médio que elaboraram desenhos sob a orientação do pesquisador e das pesquisadoras, demonstram que os resultados foram avaliados e a conclusão descrita foi que de frente a atividades realizadas, as alunas e os alunos foram levadas e levados a uma observação crítica do ambiente em que vivem. Desta forma, concluíram que os conteúdos trabalhados promoveram um aprendizado significativo e transformador, sob uma perspectiva social.

Além disso, Gabrielle Silva Rodrigues, Benjamin Carvalho Teixeira Pinto, Lana Claudia de Souza Fonseca e Cristiana do Couto Miranda (2019) expõem, em sua pesquisa, como a temática apresenta inúmeras discussões no meio teórico e a falta de propostas práticas e que quando ocorrem permanecem com discursos conservadores. Com base na pesquisa de autoras e autores, que sucedeu como uma busca bibliográfica de trabalhos, foi constatado que as práticas didático-pedagógicas, no campo da EA, têm atingido alguns objetivos que são defendidos, porém ainda requer uma análise e discussões acerca da teoria e prática de uma Educação Ambiental crítica.

Em vista disso, Thiago Ezídio de Oliveira e colaboradores (2021) discute em sua pesquisa, como a Arte pode fomentar um curso formativo de EA para jovens de ensino médio. Para esse fim, foram adotadas e desenvolvidas práticas artísticas e ambientais que visavam o ensino da EA, com estudantes. Ao finalizar o desenvolvimento da pesquisa, foi analisado como a arte e a forma que foi abordada juntamente com práticas ambientais,

ajudaram a promover a sensibilização ambiental. A fim de realizar uma avaliação mais atenta foram analisados os apontamentos ilustrativos pelas e pelos estudantes, que resultaram em sugestões de implantação de horta em uma área abandonada, com intuito de colocar em prática o que foi desenvolvido durante o processo da pesquisa.

De frente a essas análises, Amanda Jardim (2021) sugere em sua pesquisa um diálogo com fundamentos teóricos, sobre a dimensão artística, como método pedagógico com a finalidade de despertar, com estudantes, temas que dissertam a EA, durante o período de isolamento e ensino remoto ocasionado pela COVID 19. Para tanto, a autora desenvolveu uma intervenção remota com jovens de uma escola de rede pública, utilizando ferramentas tecnológicas para esse contato, com o propósito de investigar a compreensão de natureza desses estudantes. Por meio de questões foi proposto o desenvolvimento de desenhos, o que possibilitou uma leitura e experiência abstrata agregando, assim, concepções e diferentes perspectivas de natureza.

Acerca dos trabalhos analisados, destaca-se, nesse estudo, que a Educação Ambiental aliada a Arte tem potencializado as práticas didático-pedagógicas em sala de aula, e como a Educação Ambiental dialoga e se faz presente em diversos espaços e áreas de conhecimento e também é promovida por diferentes setores da sociedade, demonstrando como as causas ambientais tem se tornado um tema essencial a ser discutido, a vista disso, vem ocupando o seu lugar e tentando promover ações de EA.

Do mesmo modo, foi observado como a EA, com o suporte da dimensão artística, a Arte, em sala de aula, contribui para integração do conhecimento com base crítica, oportunizando debates entre estudantes, analisando opiniões divergentes. Observa-se que, por meio de desenhos são possibilitadas diferentes concepções, indo ao encontro do objetivo traçado. Dessa maneira, são experimentadas diversas possibilidades e vão se construindo ao mesmo tempo modos de pensar e viver no planeta, estimulando às e aos estudantes uma vida sustentável que visa a preocupação com os impactos ambientais gerados pelos comportamentos humanos.

Evidencia-se que as escolas devem incluir intensamente essa temática em todos os níveis de ensino, fazendo-se essencial em cursos de formação de professores, do mesmo modo nos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino. Para tanto, devem se apropriar de ferramentas pedagógicas que possam oferecer às e aos estudantes possibilidades de construção de conhecimento, seja individual ou coletivamente, quanto à Educação Ambiental crítica e sustentável. Com isso, as atividades lúdicas, interativas e

compartilhadas, podem ser desenvolvidas a fim de propiciar uma reflexão diante aos problemas ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas diferentes abordagens conceituais sobre EA e análises feitas por meio de pesquisas realizadas, segundo as perspectivas de diversos autores que se dedicam em estudar este tema, é possível notar como a educação ambiental se debruça em vários campos de conhecimentos, bem como, se encaixa em diferentes propostas metodológicas no campo da interdisciplinaridade e transversalidade. Em síntese, a EA e a Arte podem ser aliadas de maneira a serem desenvolvidas por meio de um trabalho compartilhado com as crianças, possibilitando o pensamento crítico e reflexivo a respeito das mudanças da sociedade em relação ao meio ambiente.

Contudo, a educação, deveria estar acompanhando de perto todo esse processo ambiental, não só isso, mas deveria estar à vista das questões que se decorrem no campo, carecendo a conhecer e dominar as causas. Em conclusão, a educação é a maneira que temos para assegurar o crescimento do conhecimento sobre nós mesmos e do todo em que habitamos. Para isso, profissionais da educação somos autoras e autores por construir e guiar o desenvolvimento das novas gerações, transmitindo-lhes os conhecimentos adquiridos pela humanidade ao longo de sua vida e clareando as alternativas à frente na constituição do amanhã.

No entanto, os desafios referem-se a atuar como profissionais competentes que estejam sintonizados com a realidade que nos cerca, visto que as “grades” curriculares criam barreiras em desenvolver aulas de campo ou variar as linguagens das artes, para além dos desenhos que retratam o ensino e se tornam atividades de registros. Além disso, a falta da formação continuada que impossibilita os encontros pedagógicos contribui efetivamente para análises e discussões em coletivos. Assim, a implementação da EA na escola tem que transcender barreiras burocráticas e chegar com urgência nas salas de aula e não ser somente pauta de discussões em um grupo, escola e uma rede, mas transcender e ganhar status político de Estado e transpassar por toda sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia**: série novo ensino médio: volume único. São Paulo: Ática, 2003.

BARBOSA, Eduardo Fernandes; MOURA; Dácio Guimarães de. **Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica**. Boletim Tec. Senac, Rio de Janeiro, 2013, v.39, n.2, p.48-67.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Temas Transversais**. Brasília (BRASIL): MEC, 1998. 436 p.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, Brasília, DF, abr. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 29 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 14/2012 - Ministério da Educação, Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**, 2012 a. Disponível em: < <https://bit.ly/2Aaigis>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Editora: Porto Editora, Portugal, 1994.

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Formação docente em Educação Ambiental utilizando técnicas proletivas. **Paidéia**, 2005, v.15, n.32, p. 433 - 440.

CABRAL, Hideliza Lacerda Tinoco Boechat; RIBEIRO, Dulce Helena Pontes; LIMA, Wagner Luiz Ferreira (orgs.). **Interfaces da linguagem**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2020, 264 p.

CASSETI Valter. 1995. **Ambiente e apropriação do relevo**. 2ª ed. São Paulo, 147p. (Col. Caminhos da Geografia).

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 50. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 198 p.

GOLDBERG, Luciane Germano; YUNES, Maria Angela Mattar and FREITAS, José Vicente de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicol. estud.** [online]. 2005, vol.10, n.1, pp.97-106. ISSN 1807-0329.

KINDEL. Eunice Aita Isaia. **Práticas Pedagógicas em Ciências: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012. 128p.

- MARIN, Andreia Aparecida. Educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética. Inter-Ação: **Rev. Fac. Educ.** UFG, v. 31, n. 2, p. 277-290, jul./dez., 2006.
- MONTERO, Maria Lourdes. **Lecturas de formación del profesorado**. Santiago/CHI: Tórculo, 1987.
- PORTILHO, Maria de Fátima. Consumo “Verde” e Cidadania: Possibilidade de Diálogo?. **Methodus** – Revista Científica e Cultural da Estácio de Sá, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, p.132-149, ago/dez, 1999.
- REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- RIBEIRO, Dulce Helena Pontes-. (2020)
- SANTIAGO, Márcia Tallia de Lima. et al. Educação ambiental nas escolas de ensino fundamental do município de Jaguaruana (Ceará). **Educação Ambiental (Brasil)**, v. 2, n. 1, p.78-89, 2021.
- SATO, Michele; PASSOS, Luiz Augusto. Arte-Educação-Ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 14, 2009.
- TERRAZZAN, Eduardo A.; GAMA. Maria Eliza. **Condicionantes para a formação continuada de professores em escolas de educação básica**. Educação & Linguagem, ano 10, n. 15, p. 161-192, jan/jun, 2007.

ANEXO – Artigos selecionados para a pesquisa

JARDIM, Amanda. **A Dimensão artística como proposta para uma intervenção didática sobre pensar a Educação Ambiental em tempos de pandemia.** Sorocaba – SP, 2021.

NUNES, Luciana Simões Rodrigues; BOMFIM, Alexandre Maia do. Educação Ambiental crítica e arte participativa: a construção de reflexão e ação em uma escola da Baixada Fluminense. Amazônia – **Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v.14, n. 30, Jan-Jul 2018. p. 42-58.

OLIVEIRA, Thiago Ezidio de. A educação ambiental em curso formativo: uma proposta para a formação de jovens do ensino médio por meio das artes. **Revista ELO - Diálogos em Extensão Viçosa, MG** – v. 10, 2021.

RODRIGUES, Gabrielle Silva et al. O estado da arte das práticas didático-pedagógicas em Educação Ambiental (período de 2010 a 2017) na Revista brasileira de Educação Ambiental. **Revbea**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 09-28, 2019.

SILVA, Roberlilson Paulino. **Arte e educação ambiental como possibilidades de desenvolvimento da consciência crítica.** v. 11, n. 22, Jul./dez, 2016.